

O exemplo de um método

por Ricardo Timane

Numa crónica anterior mencionei as coordenadas que, a meu ver, foram como que o núcleo do método de condução dos debates na reunião entre a Direcção do Partido e do Estado com os comprometidos. Citei três; as principais: a prática da verdadeira liberdade de expressão, com a correspondente exigência de responsabilidade e franqueza; a conversação de carácter profundamente pedagógico, em que cada pergunta tem o rigor da busca, procurando (como na investigação) elementos da vida dos comprometidos que expliquem ou permitam perceber a história do compromisso assumido; e, finalmente, a utilização de diversas linguagens, de «ferramentas» várias na condução do diálogo, de modo a criar-se o ambiente para a narração da «história» e que vão do humor à exortação, ao apelo e à lição política (através de exemplos históricos) e da firmeza à confidência.

A possibilidade de livremente se exprimirem por certo terá surpreendido uma boa parte dos comprometidos que vieram para a reunião com o espírito carregado, por um lado com o peso do seu compromisso passado, e por outro, com o peso de infundados receios de julgamento inquisitorial, de humilhação pública e até de prisão. Nalguns casos, essa liberdade de expressão terá deslustrado os que foram chamados a contarem a sua história e que acabaram por enveredar pela arrogância, impertinência e irresponsabilidade. É o caso do «che» muçulmano e ex-ANP Idrisse Juma.

Quando se apresentou disse morar na Mafalala. E acrescentou: «perto do camarada Josefate (Machel).

A intenção da alusão ao irmão do Presidente Samora para se «proteger» nas suas «costas», era evidente... e os risos ecoaram pela sala. O Presidente Samora Machel, entretanto, reconheceu-o e disse: «éramos vizinhos antes de eu fugir para a Tanzânia». Idrisse Juma «sentiu» a oportunidade e continuou a «apalpar o terreno».

«Sim — afirmou — e éramos amigos também, e até agora, penso que ainda somos amigos». Um novo coro de gargalhadas estalou na sala. Samora Machel observou: «Ele perseguia-me antes de eu fugir» e prosseguiu relatando uma história relacionada com o trabalho de Idrisse na ANP e a sua fuga para a Tanzânia. E finalmente: «Bem, diz lá quando é que entraste para a ANP?».

Uma pergunta, uma simples pergunta formulada ainda ao ritmo hilariante do diálogo que se estava a travar e que era como que um «convite» para que se aprofundassem «as coisas sérias».

E aí começaram a surgir com maior nitidez os contornos do retrato do ex-ANP Idrisse Juma. Pela boca de Idrisse a sua trajectória era muito simples. Que apenas tinha trabalhado um ano na ANP (quando tudo parecia indicar que esteve lá «empregado» mais tempo), que não sabia nada da ANP, que pagara quotas, mas como membro apenas se limitara a isso, etc., ao mesmo tempo que não deixava de sublinhar as suas frases, numa entoação impertinente, com a expressão: «naquele tempo... em que íramos amigos...»

Bem... o Presidente Samora interrompeu-o. E apresentou todas as estruturas do Partido, Estado e Organizações Democráticas de Massas envolvidas na reunião, pedindo aos seus membros para se levantarem. «Não estamos aqui para brincar. Queremos uma reunião altamente política, mas podemos também transformá-la em administrativa», advertiu.

Idrissi Juma mudou de discurso. Quase que pateticamente declarou não ter medo do castigo dos homens pois que só temia o castigo de Deus na outra «Vida», no «Além».

«Pois é. Mas a comida é aqui na Terra, a cerveja é aqui na Terra, o «Whisky» é aqui na Terra, não é?», replicou-lhe com sarcasmo o Presidente. E mandou-o sentar. A liberdade de expressão exige também a responsabilidade. Mas para o ex-ANP Idrisse Juma fora apenas uma ocasião que ele julgou a mais indicada para demonstrar o seu fervor religioso e a sua confiança na justiça divina. Confundido o púlpito com uma reunião política, perdeu o direito à palavra.

O segundo aspecto que mencionei sobre o método de orientação dos debates foi o carácter profundamente pedagógico da conversação. Nada é ao acaso ou ao sabor dos acontecimentos.

O debate é mais do que um simples suceder de perguntas e respostas e um relatar de memórias, pois o que se pretende é que cada um, tome consciência da dimensão do seu compromisso passado com os instrumentos da repressão colonial e como com isso negou a sua Pátria e consequente a sua identidade de moçambicano.

Por isso as perguntas não são ao acaso. Em primeiro lugar os dados biográficos, que antecedem o momento do compromisso. O nome que logo evoca uma família e uma região de nascença. Onde foram feitos os primeiros estudos e outros posteriores e de imediato as possibilidades: a missão com a consequente educação religiosa, o ensino da submissão, da subserviência, e o desenralzamento em relação à realidade. Portanto, uma Influência. Na escola, o ensino antipatriótico, Moçambique não existe, é Portugal. Outra influência.

Depois a trajectória que leva ao mercado de trabalho que no caso de alguns dos comprometidos traduziu-se por um ingresso directo na PIDE. Qual a profissão, modo de vida ou formas de subsistência. Se, por exemplo, funcionário público, como os próprios depoimentos demonstraram, as vivências e o relacionamento com o poder colonial são bem específicos. Se licenciado, régulo ou seminarista a mesma coisa, e, portanto, o tipo de influências na personalidade é distinto também.

A determinado momento era essa a minha sensação. Como assistente começam a emergir com nitidez os traços de uma personalidade, o perfil de um indivíduo e as suas motivações pessoais. E com isso os elementos para se situarem as razões do compromisso que posteriormente ele veio a assumir e até o lugar que ocupou na máquina repressiva colonial.

A ideia é descobrir o perfil do indivíduo pela análise do meio social, considerando que aquele é o produto desse meio social. «Foi aí que comecei o compromisso». Uma expressão muitas vezes pronunciada pelo Presidente Samora interrompendo um relato e que nalguns casos tinha o efeito da surpresa para o indivíduo que depunha convencido que estava, de que o seu compromisso se iniciara com a primeira informação para a PIDE ou com a filiação na ANP. O compromisso na realidade situava-se na altura do da primeira atitude de fraqueza na mira do ganho de um pequeno favor e que levou ao aliciamento e posterior envolvimento.

A sensação de quem assiste é equivalente à da presença numa aula, na aprendizagem de uma disciplina, a História de Moçambique, em que os factos, as personagens estão ali mesmo a «desfilarem» diante dos nossos olhos.

libertar a terra e os homens

145
Mesmo os ausentes como o conhecido Inspector da PIDE, (o grávido) da ANP e outros pela simples evocação, em vários testemunhos, de quem foram e o que fizeram como que saltam das páginas de um livro para o próprio palco do debate.

O método assemelha-se mais aos processos de pesquisa de um paciente e laborioso investigador do que o simples «orientar» de uma reunião. Os diálogos não são em sentido único, na circunstância do poder representado pelo Presidente Samora, para os comprometidos, estes como espectadores. Nas perguntas, no tom do diálogo, há um ambiente que se cria, um apelo que se lança à participação consciente e analítica nas intervenções. E há emoção também. Como naquela altura em que o Presidente Samora depois de explicar e analisar as condições que atenuam a gravidade do engajamento de moçambicanos na ANP em 1973 (o poder colonial em desespero tudo recrutava), e perguntou aos visados: «Acham que podem trabalhar para a Frelimo? Um coro de vozes respondeu afirmativamente e no meio delas uma voz mais emocionada disse ainda: «é uma questão de engajamento». A emoção adiantou-se certamente em relação à consciência.

Um último aspecto quanto o tema desta crónica: A diversidade das linguagens utilizadas. A conversação vai da exortação ao humor e à lição política que retira de um exemplo histórico contado no momento exacto, à firmeza e confidência.

Do humor como na história daquele moçambicano que Samora Machel encontrou no Botswana no seu trajecto de fuga para a Tanzânia.

Conversavam. De onde és? De Gaza. Onde estudaste? Em Xai-Xai. Como te chamas? Ângelo de LISBOA, Como???... Finalmente o outro decidiu-se pela verdade: Ângelo MUCAVELE. As gargalhadas ecoaram pela sala.

Assim mesmo, o humor e a ironia como armas de denúncia, na circunstância da assimilação. Naquele caso, já não era só com os comprometidos que o Presidente Samora dialogava.

Era com um país. Quantos não estarão ou não terão estado nas circunstâncias de Ângelo Mucavele? A história contada funcionou como que um apelo aos moçambicanos a reassumirem a sua identidade cultural de moçambicanos.

Da firmeza como no caso de Marcos Zicale, caso já suficientemente relatado nas páginas do nosso jornal e que é uma demonstração de que jamais no decorrer da reunião se perdeu a percepção rigorosa de quem é o inimigo, e a agudeza da vigilância.

Quando no final o Presidente Samora anunciou que a reunião prosseguiria numa outra data, estou convencido de que ninguém se surpreendeu. No ar a sensação de «ainda há pedaços da História recente do nosso país para reconstituir» no vivo dos debates.

Comprometidos

20/5/82